

Secos & Molhados: para ouvir, olhar e comer

Suelen Santana Silva¹

Pedro Marques Neto²

RESUMO

O presente trabalho, pretende apresentar aspectos orais, literários, coreográficos e musicais, definidores da banda brasileira Secos & Molhados. Embora trabalhados de modo absolutamente inusitado, principalmente para uma época repleta de tabus comportamentais e repressão política, tais características fazem parte da própria história da canção brasileira comercial, desde sempre assentada nessas quatro bases: entonação oral, texto registrado na escrita, apresentação performática e arranjo musical. Especificamente, considerando os dados performáticos, tão evidentes nesse grupo, a discussão estará centrada na figura de um dos seus membros. Trata-se de Ney Matogrosso, artista que está no imaginário do país para além do espaço da canção popular. Nesse contexto, a composição "Sangue Latino", a primeira canção do disco de estreia dos Secos & Molhados (1973), será aqui o foco da análise.

Palavras-chave: Canção; Secos & Molhados; Ney Matogrosso; Performance.

Secos & Molhados: to listen, look and eat

ABSTRACT

This article aims to analyze the oral, literary, choreographic and musical aspects that define the style of the Brazilian band Secos & Molhados. Although working in a very unusual way, especially at a time full of behavioral taboos and political repression, such characteristics structure the very history of commercial Brazilian song, which has always been based on these

¹Artista, Educadora, Atriz e Palhaça. Bacharela e Licenciada em Letras (2019) com Habilitação em francês pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Mestranda em Estudos Literários (2020) pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). suelen_santanasilva@yahoo.com.br. Número do orcid:0000-0001-9862-3940

² Professor de Literatura Brasileira da EFLCH-UNIFESP. Bacharel e Licenciado em Letras pelo IEL-Unicamp (2000). Mestre (2003) e Doutor (2007) em Teoria e História Literária pelo IEL – Unicamp. pedro.marques@unifesp.br. Número do orcid:0000-0003-4154-3645



four pillars: oral intonation, text filed in writing, presentation performance and musical arrangement. Specifically, considering the performative action, so evident in this group, the discussion will be concentrated on the figure of one of its members. This is Ney Matogrosso, an artist who entered the country's imagination beyond the space of popular song. In this context, the composition *Sangue Latino*, the first song on the debut album by Secos & Molhados (1973), will be the focus of the analysis here.

Keywords

Song; Secos & Molhados; Ney Matogrosso; Performance.

1. Introdução:

Secos & Molhados, uma banda brasileira, com início nos anos setenta, pós Movimento Tropicalista³. Era um país sob uma Ditadura Militar e, como o próprio nome suscita, o grupo propunha a pluralidade. Esse nome foi inspirado numa pousada de um casal de Ubatuba⁴, estabelecimento perto do mar em que poderiam entrar pessoas secas e molhadas. A pousada, assim, já empregava o termo de modo metafórico, posto que “secos e molhados” foi uma espécie de armazém antigo que, desde os tempos coloniais, comercializava produtos e alimentos secos como cereais, em geral cuidados pelo marido, e produtos molhados como carnes, comumente sob cuidados da esposa. Uma espécie de divisão entre afazeres domésticos, estruturalmente divididos entre masculino e feminino, por assim dizer. Nesse sentido, a banda promove um questionamento de saída, por ser formada apenas por homens, principalmente na figura do seu principal vocalista. Ney Matogrosso, de fato, conseguia transcender os estereótipos. Sua notável androgenia, inclusive, foi uma das principais questões debatidas pelo público e pela imprensa, durante a existência da banda, mas também ao longo de sua carreira solo.

A formação original da banda contava com três integrantes: João Ricardo – o fundador e compositor português, Gérson Conrad e Ney Matogrosso, este, por sua vez, em destaque até

³ Movimento Cultural Brasileiro composto por manifestações artísticas tanto na música, quanto nas artes plásticas, cinema e teatro.

⁴ Município Brasileiro, localizado no litoral norte de São Paulo.



os dias atuais no Brasil. Os Secos & Molhados marcaram a cena da canção brasileira, do ponto de vista musical, por renovarem a linguagem da canção, e poético, por colocarem suas próprias letras ao lado de poemas musicados de poetas consagrados, como Vinícius de Moraes, Cassiano Ricardo ou Manuel Bandeira. Mas nada provocou um efeito mais inovador do que o efeito estético de suas performances. Não é exagero afirmar que o modo de se produzir e dirigir espetáculos cancionais, no Brasil, nunca mais seria o mesmo.

Este artigo aborda a obra de Secos & Molhados como uma experiência sensorial para olhos, ouvidos e paladar, tendo como base o disco de estreia em 1973: Secos & Molhados I, cuja capa traz uma mesa com pratos servidos e, em cada um deles, a cabeça de cada integrante da banda. Há uma alusão ao Movimento Antropofágico⁵ brasileiro e, para além disso, mostra o quanto, somente pela capa, já podemos ter uma ideia de que aquele produto serve para ser devorado, numa espécie de crítica pelo exagero da própria ideia de *consumir* determinado produto. A fotografia e o *lay-out* dessa capa histórica são assinados por Antonio Carlos Rodrigues e Décio Duarte Ambrósio.

Este primeiro disco homônimo à banda é composto por treze canções. Do Lado A do LP (sigla para Long Play), temos: 1 “Sangue Latino” (João Ricardo e Paulinho Mendonça), 2 “O Vira” (João Ricardo e Luli), 3 “O Patrão Nosso de Cada Dia” (João Ricardo), 4 “Amor” (João Ricardo e João Apolinário), 5 “Primavera nos Dentes” (João Ricardo e João Apolinário). Lado B: 6 “Assim Assado” (João Ricardo), 7 “Mulher Barriguda” (João Ricardo e Solano Trindade), 8 “El Rey” (Gerson Conrad e João Ricardo), 9 “Rosa de Hiroshima” (Gerson Conrad e Vinícius de Moraes), 10 “Prece Cósmica” (João Ricardo e Cassiano Ricardo), 11 “Rondó do Capitão” (João Ricardo Reis), 12 “As Andorinhas” (João Ricardo e Cassiano Ricardo), 13 “Fala” (João Ricardo e Luli). Com esse álbum, a banda conseguiu emplacar muitas canções nas paradas de sucesso, fazendo desse disco, um clássico.

⁵ Manifestação artística brasileira, concebida por Oswald de Andrade durante a década de 1920.



2. A canção e sua interpretação:

Sangue Latino

Composição: João Ricardo e Paulinho Mendonça

Jurei mentiras
e sigo sozinho.
Assumo os pecados.
Os ventos do norte
não movem moinhos.
e o que me resta
é só um gemido

Minha vida, meus mortos,
meus caminhos tortos.
Meu sangue latino.
Minh'alma cativa.

Rompi tratados.
traí os ritos.
Quebrei a lança.
lancei no espaço:
um grito, um desabafo.
E o que me importa
é não estar vencido.

"Sangue Latino", abertura do disco *Secos & Molhados I* (1973), foi composta por João Ricardo e Paulinho Mendonça. Em linhas gerais, essa canção assume um tom de desabafo, diante de um período histórico para o Brasil, posterior ao Movimento Tropicalista e sob uma Ditadura Militar. Como o próprio título exprime, apresenta-se, também, uma dicotomia relacionada à materialidade entre o *sangue tecido* e o *sangue latino*, a ser bastante especificado. O sangue do explorador é representado na figura dos europeus, em relação ao sangue do explorado, então, chamado de latino, como representação do povo brasileiro e o povo escravizado, oriundos da África. De acordo com Alberto Ikeda:

Como podem ser lembradas, as décadas de 60 e 70 ficaram marcadas, praticamente em todo ocidente e de maneira vigorosa na América Latina, como período de grandes contestações sociais e lutas políticas, onde muitos músicos, notadamente do campo popular, tiveram papel dos mais marcante, por suas produções engajadas. (IKEDA, 1999, p.84)

250



Com duração de 02:04 minutos, ela é registrada no encarte original com três estrofes, sendo, respectivamente, a primeira uma setilha, a segunda uma quadra e, por último, outra setilha. Os versos oscilam entre quatro e cinco sílabas métrica, o que dá a canção a agilidade da redondilha menor, muito afeita ao canto em português. A quadra, durante a gravação, opera também como refrão, pois Ney a entoa ao final novamente. A canção possui um jogo de rimas que se dá, também, na criação de um percurso, como sugere a própria dinâmica do sangue nas veias, que não fica parado. O sangue, como a canção que ouvimos, movimenta-se e, metaforicamente, *sozinho*, entre *moinhos* e *gemido*, ultrapassando *caminhos* e, nesse caso, sendo *latino*, passando por *ritos* e, finalmente, sendo *vencido*.

Nesse sentido, a canção concentra em si o próprio legado da colonização, sendo uma espécie de sangue cultural e artístico desse processo. Trata-se, assim, de uma confissão em primeira pessoa, no tempo pretérito perfeito, como podemos observar já na primeira palavra de sua letra: “Jurei” e, em seguida, “rompi”, “quebrei”, “traí” e “lancei”, que, em sequência, compõe outro jogo rítmico e de rima.

O título da canção sugere mais que um país, indica um continente, composto majoritariamente por povos originários dessas terras. Retomando o período histórico, com muitas ditaduras predominando nos países latinos da América do Sul, podemos imaginar as pessoas torturadas e obrigadas a confessar sob violência. Algumas delas mentiam para salvar companheiras, companheiros e a si próprias. Mas aqui o eu cancional assume a culpa gigantesca, porque coletiva, por todo um passado de massacres. Ao cantar “assumo os pecados” de ter sido violado, a voz aceita de modo crítico e irônico a culpa de ter sido ferido. Ora, esse seria justamente o desejo sórdido de todo violador, fazer com que a vítima se sinta merecedora do ato violento. É como se a voz, presa nessa imensa sala de torturas que são os estados sul-americanos baseados em perseguições, gemesse sua resistência falando o que o opressor quer ouvir.

E, ainda, podemos ampliar a questão para o período de “descobrimento” e exploração da América do Sul, quando foram impostas culturas do hemisfério Norte, tanto comportamentais,



quanto religiosas, como aponta os dois primeiros versos da segunda estrofe. Em “Os ventos do Norte não movem moinhos”, os ventos aparecem enquanto metáforas das ordens das pessoas do Hemisfério Norte que não serviriam para mover os nossos moinhos. Afinal, tais moinhos, na prática, significando engenhos, plantações ou minas, eram movidos por pessoas escravizadas que já existiam no Hemisfério Sul, para onde os europeus vieram explorar novas terras e recursos naturais. Daí a América do Sul ser um hemisfério predominantemente falante das línguas neolatinas, decorrente dos povos do norte, tais como espanhóis e portugueses.

Se destacarmos os dois primeiros versos da primeira estrofe, poderemos observar a introdução da questão em que o eu, após jurar mentiras, fica sozinho e, por consequência, assume pecados em relação aos ventos do norte que aparecem, nesse caso, como uma oposição de ideais. Os ventos do norte, assim, também podem ser a boa nova cristã, aplicada ao continente como doutrinação visando dominação e aculturação dos povos. Há mesma a referência ao território norte, restando ao eu, nesse caso, só o gemido de uma voz ancestral. A voz em primeira pessoa, aplica uma sequência de pronomes possessivos na terceira estrofe: “minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos, meu sangue latino, minha alma cativa”, ou seja, marcas que descrevem muito mais seu mundo interior, como suas raízes e essência, ao invés do mundo concreto e material, exterior a ele e ao continente latino. A “alma cativa”, quando aparece, remete a prisão e sujeitar-se de alguma forma ao outro, então, nesse sentido, depois da devastação, ainda sobra o que fica em nós e ninguém poderá usurpar: o sangue latino. Se as terras e recursos naturais viraram possessões europeias, as posses, sublinhadas pelos pronomes possessivos, dos povos são apenas dores advindas da miséria, da opressão e de aculturação capaz de converter os descendentes diretos e indiretos dos indígenas originários em *latinos*, justamente o qualificativo de seus colonizadores. Ironicamente, essa população *latina*, quando em situação de migração em países como Portugal, Espanha ou Inglaterra, é estigmatizada sob o signo de *latinos*.

Na quarta estrofe, o eu-lírico usa verbos no pretérito perfeito do indicativo, são eles: “rompi, traí, quebrei e lancei.” Dessa forma, evidencia um movimento de ruptura, à vista disso, com os tratados e ritos estrangeiros e, como sugere o último verso, para o eu-lírico, tudo isso



foi um grito, um desabafo, um grito de liberdade que procura trair a própria ideia de um nacionalismo artificial, produto de uma independência política, ainda assim, realizada nos moldes europeus, como no Brasil ou na Argentina.

A terceira estrofe cria uma síntese da canção, afirmando que o que importa, de fato, é não se dar por vencido. Perder a terra e a língua originais é uma derrota material, mas é possível uma vitória cultural, afinal, toda arte e religiosidade que melhor caracteriza tais países tem o diferencial de não ser exclusivamente cópias das práticas europeias.

3. Composição

João Ricardo, fundador de Secos & Molhados é, também, o compositor mais profícuo da banda, fez essa canção em parceria com Paulinho Mendonça⁶. João, de origem portuguesa e radicado no Brasil, tem uma ligação direta e genética com a poesia, pois seu pai João Apolinário, era poeta e jornalista. Sua produção musical ultrapassa o âmbito melódico e, com isso, suas letras e canções ganham traços performáticos e ao mesmo tempo bastante literários. “O compositor transforma o ato de fala em ‘ato de canto’ ao produzir um enunciado-canção constituído por elementos linguísticos relacionados a elementos musicais.” (2003, p.102), afirma Álvaro Careta em *Estudo Dialógico – Discursivo da Canção Popular Brasileira*.

Convocada para este trabalho, a canção "Sangue Latino", além da profundidade da letra acima apresentada, pressupõe um corpo dançante, como o movimento do sangue que corre nas veias e que se comunica de maneira visceral, como é possível notar na interpretação de Ney Matogrosso. É de se destacar que o fato de Ney cantar com o corpo seminu e pintado, portando adereços como penas e escolhendo o nome artístico “Matogrosso”, toponímia cujo significado remete ao sertão ou ao matão dominado pelos indígenas, acentua essa ancestralidade ameríndia da canção "Sangue Latino". O corpo performando de Ney é a própria encarnação disso, o próprio sangue pulsando na América do Sul. Uma obra para ser lida, ouvida, vista, dançada e engolida. Segundo, Johan Huizinga:

⁶ Roteirista e compositor brasileiro.



A partir do momento em que uma metáfora deriva seu efeito da descrição das coisas ou dos acontecimentos em termos de vida e de movimento, fica aberto o caminho para a personificação. A representação em forma humana de coisas incorpóreas ou inanimadas é a essência de toda forma mítica e de quase toda a poesia. Mas o processo não segue rigorosamente o curso acima indicado. (HUIZINGA, 2000, p.5)

4. Ney Matogrosso

Ney de Souza Pereira, artista brasileiro, cantor, compositor e intérprete, mais conhecido como Ney Matogrosso, é o símbolo de Secos & Molhados. Completou seus oitenta anos em agosto de 2021 em plena atividade. Sua condição de intérprete e performer, se destacam tanto quanto o registro agudo de sua voz. Ele consegue personificar os sentimentos das canções em seu corpo esguio, que transcende o seco e o molhado, de outro modo, o feminino e o masculino. Mesmo a relação corporal entre humano e animal, relevantes para as figuras e mitos metamórficos ameríndios, aparece em suas performances, o corpo em movimentos de cobra lançando olhares de águia ao público, por exemplo. Conforme, Johan Huizinga:

O que se passa não é primeiro a concepção de alguma coisa como destituída de vida e de corpo, e depois sua expressão como algo que possui um corpo, partes e paixões. Não: a coisa percebida é antes de mais nada concebida como dotada de vida e de movimento, e é essa sua expressão primária, que, portanto, não é produto de uma reflexão. Nesse sentido, a personificação surge a partir do momento em que alguém sente a necessidade de comunicar aos outros suas percepções. Assim, as concepções surgem enquanto atos da imaginação. (HUIZINGA, 2000, p.5)

Artista símbolo dos anos setenta no Brasil, Ney fez de sua presença de palco uma afronta para parte da sociedade moralista de todas as épocas. Suas vestes, em geral, eram apenas calças ou saias desfiadas, com o peito cabeludo sempre à mostra. Especificamente para o disco de estreia da banda, Ney na foto de capa, usou uma pintura em seu rosto que tinha a função de máscara que cobria sua face inteira com uma tinta branca e ressaltava os olhos e a boca com uma tinta na cor preta. Com o tempo, Ney foi atenuando essa máscara, de forma que ocupasse principalmente seu olhar, marcado com kaja⁷ preto, renunciando ao branco que

⁷ Coloração preta, intensa, mais pigmentada que um lápis comum para olhos.



cobria boa parte de seu rosto. “O olhar é a máscara, e o rosto, o corpo! Todos os movimentos se revelam, então, de maneira potente”, afirma Jacques Lecoq (2010, p.71)⁸ em seu livro *O corpo poético: Uma pedagogia da criação teatral*.

Em 1974, houve uma polêmica, pois, na mesma época, a banda Kiss⁹ se lançava, um ano após a estreia de Secos & Molhados, com uma identidade visual, no que diz respeito a máscara, muito próxima a marca de Ney Matogrosso que, em entrevista ao Programa Conversa com Bial em 29 de maio de 2017, afirmou que Secos & Molhados, já tinha uma vendagem muito expressiva, tanto que já se apresentava em países da América Latina. Numa gravação no México, eles foram abordados por produtores americanos, que já tinham visto a imagem do disco de Secos & Molhados na capa da revista americana *Billboard*¹⁰. Ney declara que foi convidado para compor a banda Kiss, mas não aceitou porque não queria passar pelo que Carmen Miranda¹¹ passou como estrangeira no Brasil.

Ney sabia performar sentimentos e o projeto artístico dos Secos & Molhados, ganha forma em seu corpo. “A obra é aquilo que é comunicado poeticamente, aqui e neste momento: texto, sonoridades, ritmos, elementos visuais; o termo contempla a totalidade de fatores da performance” (ZUMTHOR, 1997, p.83). Um corpo, aparentemente, despudorado, rebola perante as câmeras nos programas de televisão e festivais da época. Dessa maneira, como um sangue latino, Ney corre pelas veias do palco e cria uma identidade não apenas vocal, mas fortemente visual, usando cocares e penas, mimetizando os povos originários desse país, muito antes das discussões atuais acerca do conceito de apropriação cultural. Seu corpo fazia movimentos ondulares feito uma serpente. Remetendo a ideia de Zumthor, quando se refere ao conceito de “sócio-corporais”:

Quanto às formas não linguísticas, eu as agrupo como “sócio-corporais”: entendo por isso o conjunto de características formais ou de tendências formalizadoras que resultam em sua origem ou finalidade da existência do grupo social e da presença e da sensorialidade do corpo: ao mesmo tempo, o corpo fisicamente individualizado de cada uma das pessoas engajadas na performance e aquele mais dificilmente discernível porém bem real, da coletividade que se manifesta em

⁸ Ator e criador da *École Interntionale du Theatre Jacques Lecoq*.

⁹ Banda de Hard rock dos Estados Unidos.

¹⁰ Revista semanal estadunidense, fundada em 1984, focada na indústria musical mundial.

¹¹ Artista brasileira, nascida em Portugal e famosa em todos os meios de comunicação.



reações afetivas e movimentos comuns. (ZUMTHOR, 1997, p.84).

Ney Matogrosso também passou pelo teatro antes de integrar a banda. Tal experiência fica visível em sua presença de palco até hoje, sendo mesmo uma de suas marcas, proporcionado desdobramentos em outras dinâmicas do *métier*, como por exemplo, produzir grandes nomes da música brasileira tal qual a banda RPM¹² e Cazuza¹³. Se observássemos cada apresentação de Secos & Molhados, notaremos que não há uma partitura fixa, como forma de coreografia para cada canção, o que torna única cada apresentação, que acontece da maneira em que Ney sente a música naquele momento.

5. Considerações Finais

Secos & Molhados, que teve origem em São Paulo, ficou em atividade nos anos de 1971, 1974, 1977, 1988, 1999, 2001 e 2012. Um marco na história, não apenas musical do Brasil, passando pelas gravadoras Continental (1973-74), Philips (1978 -80), PolyGram (1988), Eldorado (2000), com seu rock progressista, misturado com MPB e que criou, também, uma linguagem performática, bastante centrada na figura de Ney Matogrosso, artista plural, com passagem pela cena teatral e um dançarino que sabe expressar em seu corpo, a potência das letras e canções da banda com um canto dramático. “O canto dramático, acompanhado de dança e de um mínimo de figuração, se distingue do teatro apenas na medida em que, no seio da mesma cultura, o sentimento geral se dissocia dela” (ZUMTHOR, 1997, p. 104).

A máscara concebida por Ney Matogrosso construía um olhar sobre si mesmo, dando-lhe a condição de se distanciar de sua natureza para constituir uma criação andrógena, que na mitologia aparece como feminino e masculino em equilíbrio e diálogo. Esse distanciamento, próprio do jogo da máscara, que nos desloca do cotidiano, promovendo um tempo e um corpo mais dilatado e expandido, tornou-se a assinatura performática de Ney, causando um misto de estranhamento e encanto diante das mídias de massa. Ney alcançou públicos de todas as idades em programações populares da TV brasileira, apesar da qualidade da performance ser

¹² Banda de Rock brasileira, formada em 1983.

¹³ Cantor, compositor, poeta e letrista brasileiro.



considerada erótica, até as crianças gostavam de vê-lo em cena. De acordo com Johan Huizinga “O ator separado do mundo vulgar pela máscara que usava, sentia-se transformado numa outra personalidade, e esta era por ele mais propriamente encarnada do que simplesmente representada” (HUIZINGA, 2000, p.106).

Ney e a banda ganharam dimensões internacionais com a expressiva vendagem de discos e aparições em programas e festivais, não apenas no Brasil, mas em muitos outros países do mundo. Só o seu primeiro disco, vendeu mais trezentas mil cópias, em menos de dois meses, em um momento em que não havia internet e que a principal maneira da obra acessar o grande público era através dos programas de rádio e festivais de músicas, organizados e transmitidos pela televisão brasileira. João Ricardo e Gérson Conrad, juntos, compuseram letras que ainda sem a canção, já tinham sonoridade de textos poéticos. De maneira mais modesta em relação a Ney, eles também pintavam seus rostos e ambos ficavam na parte instrumental, já Ney sempre ao centro do palco.

A canção "Sangue Latino" dialoga com a América Latina e insere o Brasil nessa questão, pois não raro e até pela materialidade da língua portuguesa, o Brasil se desloca da América do Sul, predominantemente falante da língua hispânica, devido a processos de colonização e, desde sua independência nossa elite econômica buscou parecer-se com a França e a Europa de uma forma geral. No entanto, Ney Matogrosso, aparece de cocar¹⁴, pés descalços, tintas em seu rosto, mimetizando os povos originários brasileiro. Além disso, a própria canção aponta que “Os ventos do Norte não movem moinhos”, frase que pode ser vista na perspectiva de um povo do Hemisfério Sul, orgulhoso de sua origem e resistente às imposições do povo do Hemisfério Norte, representados na figura de colonizadores, principalmente.

A importância da banda e de Ney Matogrosso são imensuráveis para a história da cultura desse país como potências expressivas e representativas. Tendo um vocalista gay e com trejeitos considerados afeminados, seu primeiro disco, já na capa, remetia ao movimento antropofágico brasileiro, de maneira bem específica se comparada a apropriação realizada pelos tropicalistas. Entre os figurinos havia uma forma de expressão política, contrastando a

¹⁴ Adorno utilizado por tribos indígenas na região da cabeça.



liberdade refletida no corpo do Ney com a censura de uma ditadura que marcou a época. Em entrevista para a Folha de São Paulo, Ney afirma que ninguém o reconhecia no primeiro show da banda, ocasião em que pela primeira vez pintou seu rosto com as tintas que foram presentes da esposa de Paulinho Mendonça, um dos compositores de "Sangue Latino", aliás.

Contudo, passar por Secos & Molhados é entender um recorte histórico e cultural do país, após um dos momentos mais dramáticos de sua narrativa, tal como foi a Ditadura Militar no Brasil. Por isso, Secos & Molhados, é mais que uma banda, é um documento cultural e histórico brasileiro que celebra seu Sangue Latino, através da sua capacidade de expressão artística, copiada por artistas do Hemisfério Norte, como podemos acima observar com a ocorrência da banda Kiss em 1974, um ano após a divulgação do disco homônimo de Secos e Molhados em 1973, dentro da mesma lógica extrativista citada em exemplo dos ventos do Norte.

A banda, embora não exista como formação atualmente, deixou um patrimônio, não apenas musical, mas inaugurou um novo tipo de comportamento artístico se apropriando dos recursos do campo da performance e do teatro, tão efervescentes naquele momento pós Tropicalismo no Brasil. "Sangue Latino" abre o disco e constrói um tipo de referência para tudo o que veio a seguir e segue nas veias da nossa cultura, até os dias atuais. É, portanto, um tempero para nossa arte e uma experiência visceral para quem fez e sentiu.

6. Referências Bibliográficas:

CARETTA, Álvaro Antônio. *Letra e Melodia na amplificação da canção popular brasileira*. In: *Estudo dialógico – discursivo da canção brasileira*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2013.

CASTRO, Lili. *Palhaços: multiplicidade, performance e hibridismo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Lindley. *Noções da versificação*. In: *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

HUIZINGA, Johan. *A função da forma poética*. In: *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

LECOQ, Jacques. *O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral* / Jacques Lecoq; com a colaboração de Jean – Gabriel Carasso e de Jean – Claude Lallias ; tradução de Marcelo

258



Gomes. – São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições Sesc São Paulo SP, 2010.

STAIGER, Emil. *Estilo lírico: a recordação*. In: *Conceitos Fundamentais da poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

ZUMTHOR, Paul. *Formas e gêneros*. In: *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Editora Huci tec, 1997.

7. Documentos Eletrônicos:

MATOGROSSO, Ney. *Folha de São Paulo*. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/ney-matogrosso-80-forjou-sua-liberdade-no-seio-do-conservadorismo-brasileiro.shtml> . Acesso em 31/08/2021.

MATOGROSSO, Ney. *Programa na íntegra – Conversa com Bial*. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/5903746/?s=0s> . Acesso em 31/08/2021.

MOLHADOS, & Secos. *Maracanazinho*. Disponível em <https://youtu.be/NKCrYCOBq1E> Acesso em 31/08/2021.

MOLHADOS, & Secos. *Sangue Latino – Tv Tupi, 1973*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=20kFLPITTIM> . Acesso em 31/08/2021.

8. Discos:

SECOS & MOLHADOS. *Secos & Molhados* [Vinil]. São Paulo: Continental, 1973.

